

Paul Auster

CONTO DE NATAL DE AUGGIE WREN



Ilustrações de Isol

Tradução de Rubens Figueiredo





Copyright do texto © 1990 by Paul Auster, publicado originalmente em *The New York Times*, 25 de dezembro de 1990

Copyright das ilustrações © 2003 by Isol
© 2007 by Random House Mondadori, S.A.,
Travessera de Gràcia 47-49, 08021 Barcelona

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: Auggie Wren's Christmas story

Preparação: Márcia Copola

Revisão: Andressa Bezerra da Silva e Veridiana Maenaka

Composição: Lilian Mitsunaga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auster, Paul

Conto de Natal de Auggie Wren / Paul Auster ; Ilustrações de Isol ; tradução de Rubens Figueiredo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : Auggie Wren's Christmas story.
isbn 978-85-359-1524-2

1. Contos norte-americanos 2. Histórias de natal 1. Isol. II. Título.

09-07492

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

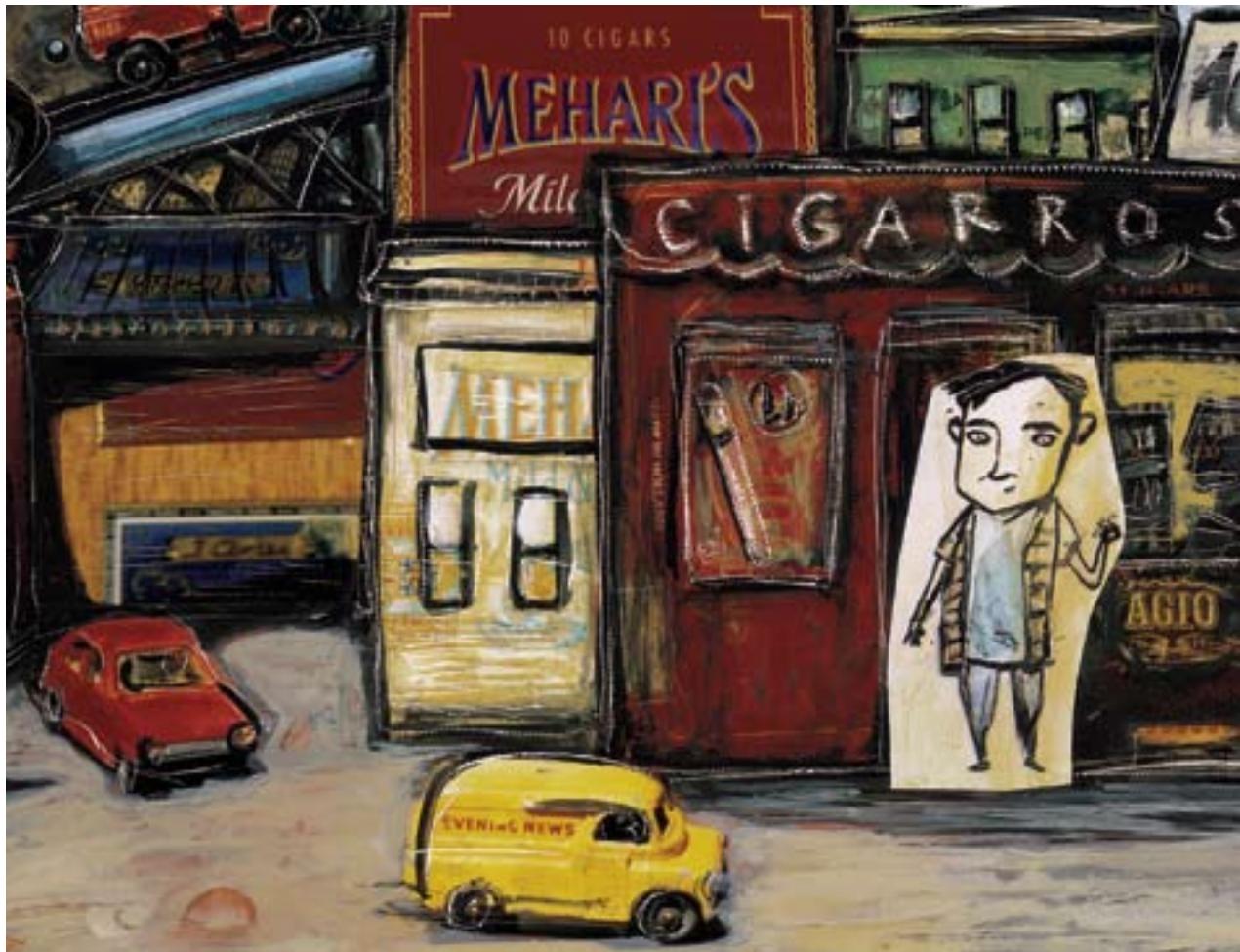
CONTO DE NATAL DE AUGGIE WREN



Foi Auggie Wren quem me contou esta história. Como Auggie não faz um papel muito bonito no conto, ao menos não tanto quanto ele gostaria, me pediu que não usasse o seu nome verdadeiro. A não ser por isso, toda a confusão sobre a carteira perdida, a mulher cega e a ceia de Natal vai reproduzida aqui exatamente como ele me contou.

Está fazendo agora quase onze anos que Auggie e eu nos conhecemos muito bem. Ele trabalha no balcão de uma tabacaria na rua Court, no centro do Brooklyn, e, como é a única loja onde tem os charutos holandeses pequenos que eu gosto de fumar, vou lá com frequência. Durante um bom tempo não prestei atenção em Auggie Wren. Ele era o sujeitinho estranho que usava um suéter azul com capuz e me vendia charutos e revistas, o tipo do sujeito gozador, piadista, que sempre tem uma coisa engraçada para dizer sobre o tempo, sobre beisebol ou sobre os políticos em Washington, e era só isso.

Mas um dia, alguns anos atrás, aconteceu que ele estava folheando uma revista na loja e topou com uma resenha de um de meus livros. Soube



que era eu por causa de uma fotografia que acompanhava a resenha, e depois disso as coisas entre nós mudaram. Eu já não era só mais um freguês para Auggie, tinha virado alguém ilustre. A maioria das pessoas não dá a menor bola para livros e escritores, mas o fato é que Auggie se considerava um artista. Agora que ele tinha desvendado o segredo de quem eu era, me tomou como um aliado, um confidente, um companheiro de luta. Para dizer a verdade, achei isso meio constrangedor. Então, como era quase inevitável, chegou a hora em que perguntou se eu não estava a fim de ver suas fotografias. Diante do entusiasmo e da simpatia dele, parecia não haver a menor possibilidade de eu recusar o convite.

Só Deus sabe o que eu estava esperando. Para dizer o mínimo, não era nem de longe aquilo que Auggie me mostrou no dia seguinte. Num cômodo pequeno e sem janela nos fundos da loja, ele abriu uma caixa de papelão e pegou doze álbuns de fotografias pretos e idênticos. Era a obra de toda a sua vida, disse ele, e não tinha levado mais de cinco minutos por dia para

construí-la. Toda manhã, nos últimos doze anos, ele parou na esquina da avenida Atlantic com a rua Clinton às sete horas em ponto e tirou só uma foto colorida, exatamente do mesmo ângulo. Agora o projeto já chegava a mais de quatro mil fotografias. Cada álbum representava um ano diferente, e todas as fotos estavam dispostas em sequência, de 1º de janeiro até 31 de dezembro, com as datas cuidadosamente anotadas em cada uma.

